

VISÃO TENSIVA DOS CONCEITOS DE NORMA: CONSERVAÇÃO E MUDANÇA

Thiago Moreira Correa¹

RESUMO

O presente artigo consiste no desenvolvimento de um modelo enunciativo das inscrições urbanas (grafite, pichação, arte urbana, tags, grapicho etc.). Por meio da relação entre normas e valores (KLINKENBERG, 2008), ainda atrelada a pressupostos sociológicos, propõe-se uma adequação à perspectiva da teoria linguística e semiótica, pois elas apresentariam um ganho para a abordagem enunciativa do objeto. Assim, encontra-se em Coseriu (1979) e Fontanille e Zilberberg (2001) maior pertinência na aplicação dos conceitos de normas e valores para investigar as inscrições urbanas.

Palavras-chave: Semiótica; Sociedade; Arte.

ABSTRACT

This article leans on the development of an enunciative model of urban inscriptions (graffiti, *pichação*, urban art, tags, *grapicho* etc.). It is proposed an adequacy of the relation between norms and values (KLINKENBERG, 2008) to the semiotics theory, due to its capacity to contribute to the object's enunciative approach. Thus, in the work of Coseriu (1979) and Fontanille e Zilberberg (2001) it's possible to find a more tangible application of the concepts of norms and values to investigate the urban inscriptions.

Key words: Semiotics; Society, Art.

Ao instaurar as bases das ciências da linguagem no século XX, Saussure previu o desenvolvimento do campo linguístico para além da linguagem verbal. O estudo da significação produzida pelo homem em âmbito social seria conduzido pela semiologia.

No decorrer das mudanças científicas, chega-se à semiótica, cujo desafio, dentre muitos, consiste em expandir sua abordagem para o estudo da linguagem não verbal – que já possui sua própria tradição de investigação – mantendo a visão linguística da “ciência geral dos signos”². Com isso, criou-se certa desconfiança sobre o alcance e a validade da

¹Doutorando do Programa de Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bolsista do CNPq.

² O ponto de vista escolhido refere-se à semiótica francesa, de origem saussuriana, cujas bases foram desenvolvidas por A. J. Greimas (ver adiante). Dessa forma, outras vertentes semióticas não são consideradas neste texto.

teoria, pois seu objeto, o sentido, possui uma enorme abrangência, perpassando diversas áreas do conhecimento.

O estabelecimento de uma semiótica que produzisse uma metodologia sólida, para abordar objetos da linguagem verbal, foi crucial no desenvolvimento da investigação de objetos de linguagem não verbal, porém, torna-se flagrante que a simples transposição de uma metodologia empregada para o estudo da língua, pode ser insuficiente no tocante a outras áreas. A. J. Greimas foi a figura central tanto na instauração de um modelo semiótico estrutural, para a linguagem verbal, quanto na sua ampliação para outros objetos de linguagem não verbal (o espaço, o gesto, as artes visuais, etc.).

Com os livros *De l'imperfection* (1987) e *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme* (1991), o sensível entra em pauta nas discussões semióticas, que anteriormente se concentravam no plano inteligível do sentido. Devido ao caráter descontínuo do modelo (quadrado semiótico), ocorre outro fator de mudança: a inserção de uma visão contínua, proposta pela semiótica tensiva. Tais reformulações, sofridas ao longo do tempo, foram provocadas pela constante atualização da semiótica a objetos que escapam aos modelos criados no cerne das teorias lingüísticas. A ciência busca em seus próprios recursos os meios de explicar os fenômenos inexplorados.

Toma-se em conta essa perspectiva dos estudos lingüísticos para investigar as relações das mudanças na linguagem visual. Na esteira de cientistas como A. J. Greimas, J. M. Floch, que instalaram as bases de uma semiótica visual, E. Coseriu, R. K. Merton e J. M. Klinkenberg, que investigaram as normas, lingüísticas ou sociais, e suas respectivas mudanças, o objetivo é compreender o estabelecimento das inscrições urbanas no campo da arte. Assim, entende-se que os estudos lingüísticos podem orientar os estudos da semiótica plástica. A meta almejada é verificar como ocorrem os mecanismos de inovação e conservação em um campo que, a princípio, preza pela constante inventividade³.

Para isso, as teorias lingüísticas elaboradas por Coseriu (1979) e Klinkenberg (2008, 2010), e as teorias das ciências sociais de R. K. Merton (1968), sobre o conceito de norma e inovação, serão fundamentais, porque ao compreender tanto o funcionamento dos mecanismos de manutenção das normas lingüísticas, por um indivíduo ou por uma

³ A ideia de inventividade é recente e nem sempre pertenceu à arte. Pode-se considerar que a partir do romantismo se instaura uma ideia da obra de arte única, de negação à tradição e da valorização do artista-criador. No entanto, esses valores não eram partilhados na renascença, por exemplo. Como o objeto a ser analisado está inserido na tradição do século XX, pós-vanguardista, os valores assumidos nessa discussão são os da inovação.

coletividade, quantos suas mudanças, por meio do estabelecimento de novas normas, será possível obter um modelo sistemático para aplicá-los a fenômenos equivalentes no campo das artes plásticas. Este trabalho consiste em formular as bases teóricas linguísticas que, posteriormente, terão sua aplicação no campo da semiótica plástica. Seu principal objetivo é unificar, pela semiótica tensiva, as teorias mencionadas e criar um ponto de vista coeso para análise.

Tricotomia coseriana, normas endógenas e exógenas

Partindo da famosa dicotomia de Saussure *langue/parole*, propõe Eugenio Coseriu um acréscimo de outra categoria para tratar das relações linguísticas da língua enquanto sistema, sem excluir a realização na fala. Essa categoria foi denominada norma. Coseriu (1979) discute os equívocos das interpretações acerca das lições deixadas pelo mestre genebrino, principalmente, sobre o estudo exclusivo da *langue* em detrimento da *parole*. Para ele, é pela fala (*parole*) que é possível realizar as abstrações linguísticas necessárias para a compreensão das funções do sistema. Desse modo, o sistema já se encontra na fala, diluído pelas escolhas individuais e pelas coerções sociais, e o objetivo do linguista é triar os elementos funcionais presentes na fala com a finalidade de compreender o sistema. Entretanto, dividir a língua entre sistema e fala parece-lhe insuficiente, porque são excluídas as repetições não funcionais geradas pelos falantes, já que tais repetições guiam o “ato verbal” do falante.

O linguista romeno vê no sistema um conjunto de possibilidades funcionais, do qual o falante seleciona o material para a realização do seu ato de fala. Todavia, essa seleção procura referência nas práticas linguísticas cristalizadas socialmente, cuja funcionalidade sede lugar ao uso, à recorrência, às escolhas partilhadas pelos falantes, enfim, à norma. O autor demonstra em vários níveis (fonológico, morfológico, lexical etc.) seu ponto de vista, porém, um exemplo relativo ao nível fonológico parece suficiente para ilustrar o pensamento coseriano, já que escapa da proposta deste trabalho uma explanação exaustiva das teorias do autor.

Desse modo, pode-se encontrar no fonema /r/, em língua portuguesa, três variações relativas à sua execução, como nas palavras “porta” e “guarda”. Dependendo da região do falante, essas duas palavras podem ter três realizações distintas, no que concerne ao /r/.

Seguindo as representações do Alfabeto Fonético Internacional na tabela a seguir, verificam-se suas variações:

	<i>Guarda</i>	<i>Porta</i>
[r] Região Metropolitana de São Paulo	['gʷardɐ]	['pɔrtɐ]
[x] Rio de Janeiro	['gʷaxdɐ]	['pɔxtɐ]
[ɻ] Interior do Estado de São Paulo e Periferia da cidade São Paulo	['gʷaɻdɐ]	['pɔɻtɐ]

Tabela 1. Variações do fonema /r/ no PB.

Pode-se observar, mesmo com a variação em cada região na execução do fonema /r/, que não há alteração no significado das palavras. Se uma pessoa da região metropolitana de São Paulo, com o uso da alveolar [p], outra pessoa do Rio de Janeiro, com o uso da uvular [ξ], e uma terceira pessoa do interior de São Paulo, com o uso do retroflexo [©]⁴, conversassem empregando as palavras “porta” e “guarda”, não haveria nenhuma incompreensão por parte dos falantes, ou seja, cada variante regional não altera o significado das palavras, apenas muda sua expressão fonológica. Assim, o uso de cada falante foi normatizado em três sons distintos, contudo, não afeta o sistema, já que os termos “guarda” e “porta” mantém a função do /r/ sem alteração de significado.

Por isso, só há mudança no sistema se houver uma mudança tanto no plano da expressão quanto no plano de conteúdo. De acordo com a noção diferencial de sistema (SAUSSURE, 1980) – um signo é o que os outros não são – não é possível que três sons se relacionem a um mesmo significado, sua funcionalidade estaria perdida. Logo, os “erres” são manifestações normatizadas por um grupo social e ao abstraí-los, do seu uso, seria alcançada a função /r/ do sistema. Por exemplo, em /carro/ e /caro/, respectivamente [ɛχɻ{ɐ}] e [ɛχɻPɐ] ocorre uma mudança de sentido ao trocar os “erres” das duas palavras. Portanto, esses fonemas são distintivos no sistema, têm sua função específica, não importando a região do falante.

⁴ Não tratamos das especificidades de cada região, pois no interior de São Paulo há outras formas de uso do /r/, além da retroflexa, cujo aparecimento incide também na periferia da região metropolitana de São Paulo, ver OUSHIRO, 2011.

O que, na verdade, se impõe ao indivíduo, limitando sua liberdade expressiva e comprimindo as possibilidades oferecidas pelo sistema dentro do marco fixado pelas realizações tradicionais, é a **norma**. A norma é, com efeito, um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade. (COSERIU, 1979, p. 74).

Nesse sentido, justifica-se a presença de uma terceira categoria que intermedeia a dicotomia saussuriana *língua/fala*. Por um lado, a norma é uma abstração da realização da fala, é mais sistemática por suas reiteraões e, por outro lado, possui menos pertinência funcional do que o sistema. Ela sistematiza o falar e individualiza o sistema.

A norma coseriana é dividida em dois tipos: norma individual e norma social. Tornam-se simples os conceitos mencionados ao entender a norma como repetição, pois a norma individual nada mais é do que o “elemento constante na fala do indivíduo, eliminando-se apenas o que é puramente ocasional e momentâneo” (COSERIU, 1979, p. 73) e a norma social é constituída pela reiteração de elementos em um grupo social. A diferença entre as normas está em seu número de falantes, em um ou mais de um.

Esse modo de divisão das normas também foi pensado por J. M. Klinkenberg (2008) e parece produtiva sua separação em normas endógenas e exógenas. O linguista belga separa as normas de acordo com uma perspectiva espacial (dentro/fora) e coloca um grupo social como referente. Assim, em um grupo A, as normas produzidas e/ou seguidas internamente por aquele grupo, em função de seus valores, constituiriam as normas endógenas e as normas provindas de outros grupos sociais, acatadas ou aceitas por esse grupo A, formariam as normas exógenas. Seguindo essa perspectiva, as normas estão em constante tensão entre suas regras e os valores de quem as seguem. Quando há um equilíbrio entre as normas e os valores, ocorre a estabilidade, entretanto, ela é muito tênue ou na verdade oculta uma tensão interna. Exteriormente a esse equilíbrio, verifica-se que, em termos polares, as normas podem ser seguidas estritamente sem levar em conta os valores (ritualização) ou, ao revés, a promoção dos valores pode ocorrer em detrimento das normas (compensação).

Dessa forma, o valor é entendido como “objetivos, propósitos e interesses culturalmente definidos, sustentados como objetivos legítimos por todos os indivíduos da sociedade, ou por indivíduos situados nessa sociedade em uma posição diferente” e a

norma “define, regula e controla os modos admissíveis de alcançar esses objetivos” (MERTON, 1968, p. 187-188).

Klinkenberg (2010) exemplifica essa relação pela literatura periférica em língua francesa. Enquanto que há uma visão universal de língua francesa, para os falantes da França, nos outros países de língua francesa, essa universalidade não é alcançada, devido às particularidades sociais daquelas regiões que não integram o cânone francófono. Dessa maneira, gera-se uma descompensação entre a norma francesa e os valores de uma determinada região francófona. Para a maioria dos franceses a norma estaria estabilizada, para os falantes dos outros países são adotadas as normas *endogeradas* naquela sociedade. Faz-se aqui uma redução das questões levantadas por Klinkenberg, pois a relação entre normas e valores é mais complexa. Um grupo pode adotar parte das normas e compensá-las por outras normas criadas de acordo com seus valores. Essa tensão entre as modalidades *deônticas* e *volitivas* produzem as mudanças linguísticas, sociais etc.

O autor segue sua exposição atribuindo um fenômeno de *implicitação* e *explicitação* às normas. Assim, os graus de ocultação das normas e de sua padronização na língua podem ser entendidos tomando-se graficamente um eixo cujos extremos representariam um grau máximo de *implicitação* e de *explicitação* normativa. Na passagem de um polo ao outro, seriam apontadas suas gradações.

A partir dessas concepções de Coseriu, de Merton e de Klinkenberg, busca-se relacionar as noções de norma pelo viés da semiótica tensiva de C. Zilberberg e J. Fontanille (2001), pois se considera que o próprio Klinkenberg (2008, 2010) já deixou as chaves tensivas na metáfora desse eixo de *explicitação* e *implicitação*. Além disso, a *tensividade* mostra-se um instrumento pertinente para explicar os matizes linguísticos dessas relações.

Tensividade nas normas

A semiótica tensiva propõe uma visão contínua das estruturas semióticas (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, ZILBERBERG, 2011). Com um foco no sensível da significação, os conceitos de triagem e mistura juntamente com as relações quantitativas (mais e menos) tornam-se pertinentes para unir o modelo normativo de Coseriu e Klinkenberg. É importante ressaltar que o linguista belga já buscava no autor de *Teoria da linguagem e linguística geral* a fundamentação para seu conceito de norma, contudo, ele

adota uma visão qualitativa do processo normativo, enquanto que Coseriu emprega uma perspectiva quantitativa. Para Klinkenberg, não é o número de pessoas que cria as categorias normativas (individual e social), mas sim, a adequação entre as regras e os valores. O início de uma mudança nas normas endógenas pode ser realizado por uma pessoa (norma individual) até que isso se estenda ao seu grupo (norma social). Entretanto, dificilmente a adesão de uma norma por um grupo provém de uma fonte individual e externa.

Retornando à semiótica tensiva, seria possível relacionar normas e valores às dimensões intensiva e extensiva, pois se na produção do sentido a intensidade está relacionada ao sensível e a extensidade ao inteligível, a formação dos valores sociais poderia ser pensada de modo análogo. Desse modo, a norma ocuparia uma dimensão inteligível e os valores uma dimensão sensível, e seria pelos regimes participativo e exclusivo que essas dimensões entrariam em um processo gerador dos tipos sociais descritos por R. K. Merton (1968).

Cada regime caracteriza-se por relações lógicas específicas. As relações “ou... ou” constituem o regime exclusivo, ou seja, a mudança quantitativa ou qualitativa em um termo leva a uma mudança contrária em seu termo correspondente. As relações “e...e” estão ligadas ao regime participativo, ou seja, a mudança em um termo implica a mesma mudança em seu termo correspondente e vice-versa.

Por exemplo, em um discurso econômico dos estereótipos sociais, a relação entre os ganhos e os gastos de um avarento dá-se em um regime exclusivo, pois os gastos estão sempre em direção contrária aos ganhos. O avarento sempre quer ganhar mais e gastar menos. Já aquele que gasta de acordo com suas possibilidades – como na figura do controlado ou do sensato – estaria em um regime participativo, porque seus gastos acompanham seus ganhos.

Além disso, cada regime atua no processo de constituição de valor por meio dos operadores “triagem” e “mistura”:

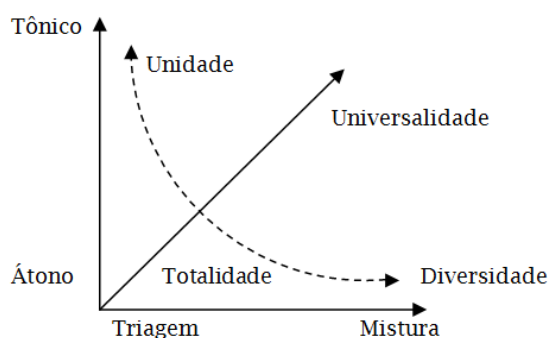
O regime de exclusão tem por operador a *triagem* e, se o processo atinge seu termo, leva à confrontação contensiva do *exclusivo* e do *excluído* e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do “puro” e do “impuro”. O regime de participação tem por operador a *mistura* e produz confrontação distensiva do *igual* e do *desigual*: no caso da igualdade, as grandezas são intercambiáveis,

enquanto no da desigualdade, as grandezas se opõem como “superior” e “inferior”. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 29).

Já pelo nome, não é difícil compreender a operação de triagem, porque ela se define por seu caráter selecionador, ou seja, aquilo que se aparta rumo a uma homogeneização pertence à triagem. Como no exemplo bíblico originador do ditado “separar o joio do trigo”. Nessa parábola, Jesus pede aos ceifeiros uma realização de triagem “Ajuntai primeiro o joio e atai-o em feixes para queimá-lo, mas recolhei o trigo no meu celeiro.” (*Bíblia Sagrada*, 1969 - MATEUS, 13: 24-30), assim, somente o trigo será utilizado, para isso, é necessário triar a erva do cereal.

A operação de mistura é inversa à triagem, já que mescla os termos rumo a uma heterogeneidade. Como no famoso discurso de Martin Luther King Jr “Eu tenho um sonho de que um dia, nas rubras colinas da Geórgia, os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos donos de escravos possam se sentar juntos à mesa como irmãos.”⁵ (tradução própria). Nesse discurso, o ativista estadunidense almeja a convivência inter-racial pacífica, ou seja, a mistura sem conflitos entre as raças.

Assim, os regimes exclusivo e participativo podem demonstrar a formação de determinado universo de valor por meio de seus operadores (triagem e mistura). Em uma representação gráfica no plano cartesiano, a triagem e a mistura estariam situadas no eixo das abscissas (extensidade), enquanto que suas respectivas intensidades estariam no eixo das ordenadas. Bem como a flecha com linha contínua marca o regime participativo e a com linha pontilhada representa o regime exclusivo.



Esquema 1 - Gráfico Tensivo

⁵ “I have a dream that one day on the red hills of Georgia, the sons of former slaves and the sons of former slave owners will be able to sit down together at the table of brotherhood [...]”.

A mistura, com uma intensidade baixa (átona), formaria valores da diversidade e, com uma intensidade alta (tônica), resultaria na universalidade. Por sua vez, a triagem átona seria relacionada com valores da totalidade, ao passo que a unidade seria alcançada por uma triagem tônica (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 33).

Estrutura tensiva das adaptações sociais

Ao pensar nas relações entre normas e valores como formadoras das estruturas sociais nos Estados Unidos na metade do século XX, R. K. Merton (1968) deixa uma base pertinente de análise para compreender as conservações e mudanças que ocorrem em sociedade. Segundo o autor, é possível identificar tipos de adaptações sociais resultantes das escolhas (enunciativas) direcionadas às normas e/ou aos valores.

Essas adaptações sociais são definidas: pela conformidade, decorrente do equilíbrio entre normas e valores, em que as normas sociais são uma extensão de seus valores. Pela ritualização, que acata as normas em detrimento dos valores, assim, no desequilíbrio entre normas e valores, as normas são privilegiadas. Inversamente à ritualização, encontra-se a inovação, que promove os valores em detrimento das normas, criando mudanças e formando novas normas. Por fim, a retirada e a rebelião são caracterizadas por não partilharem as normas e os valores vigentes, mas enquanto a retirada abandona totalmente normas e valores, a rebelião propõe sua substituição por novas normas e novos valores.

Proposta em termos tensivos, cada adaptação social poderia ser vista pela triagem e mistura de normas e valores. Sob esse ponto de vista, a mistura entre normas e valores estaria sob o regime participativo, cuja alta tonicidade geraria a **conformidade**, pois ambas estariam intensamente sincronizadas, e sua atonia resultaria na **retirada**, devido a uma inadequação da conjunção entre normas e valores. Já a **ritualização**, adoção estrita das regras, pertenceria ao regime exclusivo, cujo operador triagem levaria a uma baixa intensidade dos valores em função de uma maior extensidade. A **compensação** ou **inovação** seria resultado de uma maior tonicidade dos valores em detrimento da diminuição normativa. Entretanto, ao ler o texto de Merton pelo viés tensivo, propõe-se uma subdivisão no que ele denomina inovação e ritualização.

O sociólogo estadunidense coloca na categoria inovação tanto aquele indivíduo que logra seus objetivos, utilizando com perspicácia os tortuosos caminhos institucionais, ou

seja, as regras, quanto aquele que alcança o mesmo logro utilizando-se de “brechas” normativas ou realizando pequenos desvios, tolerados socialmente desde que ele se torne um vencedor na sociedade. Assim, haveria, no segundo caso, uma intensa triagem dos valores, eliminando os elementos normativos sem relevância para o cumprimento da meta. Essa categoria será denominada **desvio** e àquela será preservado o termo inovação. O mesmo ocorre com a categoria ritualização, que abarca tanto o indivíduo cego cumpridor das normas, que elimina seus próprios valores, como também o indivíduo que aceita as normas, adequando e rejeitando parte dos valores, para se integrar à média. Para este será criada a categoria **conservação** e para aquele será mantido o termo ritualização.

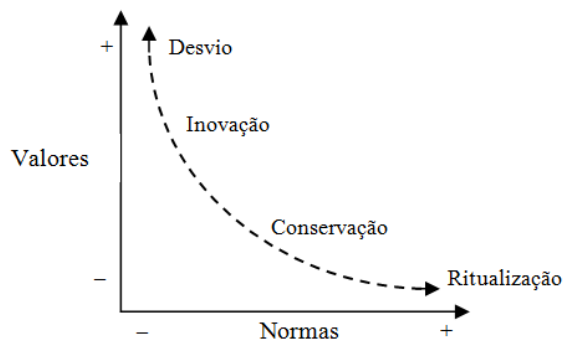
Todavia, a categoria rebelião aparentemente não seria contemplada pelo modelo. De fato, não é possível, em termos simples, integrar a rebelião ao esquema, pois o mesmo ocorre com Merton (1968,p. 216) em sua tabela de metas culturais (valores) e meios institucionalizados (normas)⁶. Por isso, o autor junta, no item rebelião, os sinais de mais e menos (respectivamente aceitação e exclusão), que antes apareciam isoladamente nas outras categorias. Logo, haveria uma *complexificação* das categorias, já que a rebelião é a negação dos valores e das normas para a sua substituição. Dessa maneira, não seria a rebelião uma junção da inovação e da retirada? A resposta seria sim, a rebelião seria constituída de um processo encadeado, cujas etapas seriam constituídas de uma retirada, diminuição de normas e valores em um regime participativo, seguida de uma inovação, que significa uma intensificação de novos valores. Esse viés sintático que estrutura a rebelião criaria possibilidades de processos análogos e aplicáveis a outras categorias.

Com isso, seria possível conceber as mudanças entre uma categoria e outra, pois o excesso e a economia dos eixos da intensidade e extensidade, nos regimes exclusivo e participativo, gerariam uma transformação categorial. Por exemplo, a conformidade estaria em pleno equilíbrio dos termos, se houvesse alguma alteração nessa relação devido à operação de triagem ou mistura, seria desencadeado um processo de mudança. O aumento da intensidade dos valores nesse estado de conformidade formaria, pela triagem, a inovação, cuja manutenção do movimento ascendente resultaria no desvio. Triagem esta que implica em uma redução proporcional da extensão das normas.

⁶ Salienta-se a semelhança da mencionada tabela ao pensamento binário dos traços distintivos da fonologia e da semântica lexical.

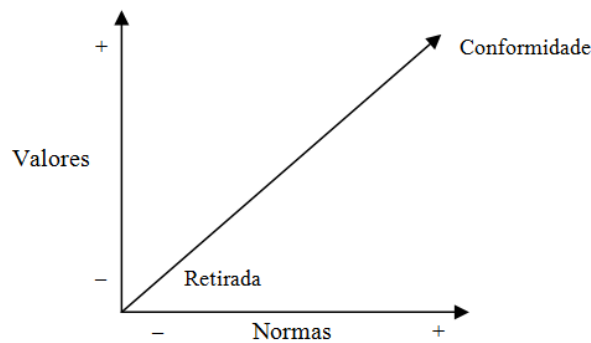
Em uma direção oposta, o aumento das normas pela triagem, no estado de conformidade, constituiria a conservação e, se houvesse sua progressão, a ritualização seria atingida. Já a redução recíproca de normas e valores devido à mistura conduziria à retirada e seu aumento conjunto levaria à conformidade. Conforme a seguir nos esquemas 2 e 3:

Triagem



Esquema 2 - Categorias sociais por triagem

Mistura



Esquema 3 - Categorias sociais por mistura

É válido ressaltar o caráter experimental da presente discussão, pois ainda parecem insuficientes os mecanismos relativos às transformações entre triagem e mistura nos campos das normas e valores. Portanto, a partir dos conceitos de normas de Coseriu (1979) e Klinkenberg (2008,2010), verifica-se que pela semiótica tensiva há um caminho frutífero para explicar o fenômeno de transformações e conservações normativas. E alcançado esse objetivo, a aplicação de tal metodologia nas estruturas sociais que repercutem na história

das inscrições urbanas será o próximo passo. Já que nessa área, as transformações e conservações ocorridas nas obras ao longo do tempo estão ligadas à relação entre as normas artísticas, sociais e os valores de difusão do movimento. Conserva-se, então, o princípio de que a investigação exaustiva das estruturas linguísticas pode fundamentar a abordagem de outras semióticas, com sua respectiva adequação.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA: *antigo e novo testamento*. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Tradução Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1979.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas, 2001.

GREIMAS, A.J. *De l'imperfection*. Paris: Pierre Fanlac, 1987.

GREIMAS, A. J. ;FONTANILLE J. *Sémiotique des passions. Des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil, 1991.

KLINKENBERG, J.-M. Normes linguistiques, normes sociales, endogenèse. Introdução, In: BAVOUX, C.; PRUDENT, L, F.; WHARTON, S. *Normes endogènes et plurilinguisme. Aires francophones, aires créolophones* (Claudine Bavoux, Lambert- Félix Prudent, Sylvie Wharton), Lyon : ENS Editions, 2008, pp. 17-32.

KLINKENBERG, J.-M. La Mutation des Normes Sociales et Langagières: Conditions de Production des Littératures Périphériques. In: KASSAB-CHARFI, S. (Coord.). *Altérité et Mutations dans la Langue: Pour Une Stylistique des Littératures Francophones*. (Coleção Au Cœur des Textes, 19). Bruxelas: Academia-Bruylant, 2010, p. 17-28.

LUTHER KING JR., Martin. "I have a dream...". Disponível em [<http://www.archives.gov/press/exhibits/dream-speech.pdf>]. Acesso em Set. 2014.

MERTON, R. K. *Social Theory and Social Structure*. Nova York: The Free Press, 1968.

OUSHIRO, Livia. *Uma análise variacionista para interrogativas – Q*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística general*. Tradução Amado Alonso. Charles Bally y Albert Sechehaye (eds.). Madrid: Akal, 1980.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.